



ANÁLISE DO IMPACTO DA CAMPANHA OUTUBRO ROSA NA CONSCIENTIZAÇÃO E PREVENÇÃO DO CÂNCER DE MAMA EM MARINGÁ-PR: UM ESTUDO TRANSVERSAL

Ana Clara Haluch Maoski Kleiner¹, Alissa Paglioco Correa², Karina Miotto da Costa³
Regiane da Silva Macuch⁴

¹ Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista PIBIC/ICETI-UniCesumar. anaclarakleiner@hotmail.com

² Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Alissa_paglioco@hotmail.com

³ Co-orientadora. Docente no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde. Pesquisadora bolsista do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. karina.miura@unicesumar.edu.br

⁴ Orientadora. Docente no Programa de Pós-Graduação em Promoção da Saúde. Pesquisadora bolsista do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação – ICETI. regiane.macuch@unicesumar.edu.br

RESUMO

O câncer de mama representa um grave problema de saúde pública no Brasil, sendo a segunda malignidade que mais acomete mulheres, principalmente na faixa etária dos 50 anos (INCA, 2023). A detecção precoce é fundamental para o tratamento efetivo, mas a realidade em muitas regiões ainda é de diagnósticos tardios (INCA, 2023), fator que compromete as chances de cura. Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo avaliar o impacto da campanha Outubro Rosa na conscientização e prevenção do câncer de mama entre mulheres de 40 a 74 anos em Maringá-PR. Para isso, será realizada uma pesquisa epidemiológica de abordagem quantitativa transversal, envolvendo a aplicação de questionários estruturados, baseados no modelo KAP (Conhecimento, Atitudes e Práticas) em Unidades Básicas de Saúde e durante as campanhas promovidas pela prefeitura de Maringá. Os dados serão analisados por técnicas estatísticas adequadas e apresentados em tabelas descritivas. Por fim, espera-se que o estudo revele o grau de eficácia da campanha Outubro Rosa em Maringá.

PALAVRAS-CHAVE: Câncer de mama; Outubro Rosa; Rastreamento.

1 INTRODUÇÃO

O câncer de mama pode ser considerado, atualmente, um problema de saúde pública devido a sua crescente incidência e índices de letalidade (Couto, 2017), no Brasil é a segunda malignidade que mais acomete mulheres, principalmente na faixa etária dos 50 anos (INCA, 2023). Foram estimados 73.610 casos novos, o que representa uma taxa de incidência de 41,89 casos por 100.000 mulheres e uma taxa de mortalidade ajustada por idade pela população mundial de 11,71 óbitos/100.000 mulheres, em 2021 (INCA, 2023). Tais dados alarmantes reforçam a necessidade de diagnóstico precoce e rastreamento.

O câncer de mama constitui uma doença multidimensional, frequentemente associada a distúrbios fisiológicos, genéticos, psicológicos, sociais e culturais, existem fatores de risco constitucionais e modificáveis que predisõem ao surgimento desse tipo de câncer (Couto, 2017). Entre os riscos constitucionais é observado idade superior a 50 anos, vida reprodutiva da mulher, história familiar, alterações nos genes de reparo BRCA1 e BRCA2 e alta densidade do parênquima mamário, enquanto tabagismo, sobrepeso após a menopausa, sedentarismo e exposição à radiação representam fatores modificáveis (Brasil, 2022). Quando diagnosticado precocemente, pode ser tratado de forma efetiva com grandes chances de preservação da mama. A detecção tardia, porém, ainda é a realidade em diversas regiões do Brasil (INCA, 2023), o que pode ser associado a dificuldade de acesso aos serviços públicos de saúde, falta de conhecimento das mulheres acerca do autoexame, baixa capacitação de muitos profissionais da área de saúde, ineficiência do



fluxo da rede de atenção à saúde em relação ao encaminhamento de casos suspeitos e incapacidade de atender à demanda (Couto, 2017).

Dessa forma, o movimento Outubro Rosa visa chamar a atenção da população a respeito do câncer de mama em mulheres (Baquero, 2021). As ações do Outubro Rosa têm por objetivo comum realizar o diagnóstico precoce (abordagem de pessoas com sinais e/ou sintomas iniciais da doença) e o rastreamento (aplicação de teste ou exame numa população sem sinais e sintomas sugestivos de câncer de mama, com o objetivo de identificar alterações sugestivas de câncer e encaminhar as mulheres com resultados anormais para investigação diagnóstica) (Brasil, 2022) no intuito de diminuir a mortalidade em decorrência dessa neoplasia.

Ademais, para que ocorra o rastreamento e detecção precoce, diversos meios são adotados, entre eles o autoexame das mamas realizado pela paciente, o exame clínico das mamas (ECM) realizado por profissionais e os exames de imagem, como mamografia e ultrassonografia. A mamográfica compreende o padrão ouro para diagnóstico da neoplasia em questão, por sua alta eficácia e especificidade (Baquero, 2021). Em 2012, apenas 52,8% das mamografias de rastreamento realizadas pelo SUS, enquanto, em 2022, esse percentual chegou a 65,9% (INCA, 2023), sendo possível observar um excelente aumento do exame de rastreio, porém não sendo proporcional com o aumento da incidência, justificando a necessidade de acentuar campanhas e projetos que visem alterar esse cenário.

Por fim, é necessário um conjunto de ações, entre métodos de rastreamento, práticas de educação acerca de comportamentos de risco e detecção precoce para a promoção da saúde individual e coletiva da comunidade. É preciso ampliar o conhecimento da população sobre o assunto, pois o empoderamento da população constitui um elemento transformador do panorama atual no controle do câncer de mama.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Neste estudo, será adotada uma abordagem de pesquisa epidemiológica transversal, de natureza quantitativa, com o objetivo de avaliar o impacto da campanha Outubro Rosa na conscientização e prevenção do câncer de mama no município de Maringá, Paraná. O projeto será encaminhado para aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

A investigação terá como população-alvo mulheres com idades entre 40 e 74 anos, faixa etária que corresponde às diretrizes nacionais para o rastreamento do câncer de mama, tanto do Ministério da Saúde, quanto da FEBRASGO (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia).

A coleta de dados será feita por questionários baseados no modelo CAP (Conhecimento, Atitudes e Práticas), abordando dados sociodemográficos, conhecimento sobre a doença, atitudes preventivas e práticas como mamografias e autoexame. Os mesmos serão compostos por perguntas fechadas e abertas. Será utilizada a “técnica bola de neve” para ampliar a amostra. Posteriormente, os dados serão organizados em planilhas, analisados por estatística padronizada e os resultados serão apresentados em tabelas descritivas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Espera-se que o estudo apresente resultados que demonstrem se a Campanha Outubro Rosa tem impacto na conscientização e prevenção do câncer de mama em Maringá-PR. A campanha pode levar a um aumento no conhecimento sobre a importância da detecção precoce e a realização de práticas preventivas como autoexame, mamografia



e consultas médicas. Por outro lado, o estudo também pode revelar limitações, como a persistência de mitos ou informações equivocadas sobre a malignidade, além de identificar obstáculos que dificultam a aplicação prática desse conhecimento, como a falta de acesso adequado aos serviços de saúde ou barreiras culturais.

Assim, os resultados esperados podem oferecer perspectivas quanto ao impacto ou não da campanha do Outubro Rosa na população alvo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscará levantar dados sobre se a campanha Outubro Rosa tem efeitos sobre a conscientização e as práticas preventivas do câncer de mama em mulheres de 40 a 74 anos em Maringá-PR. Espera-se que a pesquisa observe avanços no conhecimento e na adoção de práticas preventivas, ao mesmo tempo que identifique desafios, como mitos, informações equivocadas e barreiras de acesso, reforçando a necessidade de estratégias educativas contínuas e políticas de saúde que ampliem o alcance e a eficácia da campanha.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.S, GOMES, A.P., NUNES, A.B., RODRIGUES, N.S., LEMOS O., RIGUEIRAS, P.O, NEVES, R.R., SOARES, W.F.S., FARIAS, L.R., Ritalina uma droga que ameaça a inteligência. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**. 2018

BRITO, A.R.N., LIMA, C.G., Frequência do uso da ritalina por estudantes para um melhor desempenho acadêmico. **Revista Multidisciplinar do Sertão**, 2022

CAMPOS, P.C., AWELINO, J.F., ROMANICHEN, F.M.D.F., Uso Indiscriminado de Ritalina por estudantes universitários no Norte do Paraná, Brasil. **Brazilian Journal of Health Review**, 2020

CAVALCANTI, A.L.B., VIEIRA, R.B.R., SILVA, M.L., VIEIRA, A.G. Uso inadequado de ritalina por estudantes da área de saúde: revisão da literatura. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, 2022

GOLAN, David E. e col. **Princípios Fundamentais de Farmacologia: a base fisiopatológica da farmacologia**. 3ª edição. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan, 2014

MELO, R. S., FELICIONI, F., AFONSO, A.C.B., SOUZA, N.B., Ritalina: consequências pelo uso abusivo e orientações de uso. **Revista Científica Online**, 2020

PIRES, M.S., DIAS, A.P., PINTO, D.C.L., GONÇALVES, P.G., SEGHE TO, W., O uso de substâncias psicoestimulantes sem prescrição médica por estudantes universitários. **Revista Científica Fagoc – Saúde**, 2018

SCHUINDT, A.A.P., MENEZES, V.C., ABREU, C.R.C., As consequências do uso da ritalina sem prescrição médica. **Revista Coleta Científica**, 2021

SHARIF, S., GUIRGUIS, A., FERGUS, S., SCHIFANO, F., The Use and Impact Cognitive Enhancers among University Students: A Systematic Review. **Brain Sciences**, 2021



SILVA, Penildon e col. **Farmacologia**. 8ª edição. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan, 2010

SILVA, Y.T.P., JUNIOR, O.M.R, COSTA, J.E.B, BOTERO, B.F., SANTOS, P.B.B. As consequências no uso indiscriminado da Ritalina por estudantes universitários na área da saúde no Brasil. Reserch, **Society and Development**, 2022

SILVA, Y.T.P., JUNIOR, O.M.R., COSTA, J.E.B., BOTERO, B.F, The consequences of indiscriminate use Ritalin by university students in the health area in Brazil. **Health Sciences**, 2022

STAHL, Stephen M. e col. **Psicofarmacologia: Bases Neurocientíficas e Aplicações Práticas**. 4ª edição. Rio de Janeiro. Editora Guanabara Koogan, 2014